

SÃO BERNARDO, 1.980

# 41 DIAS DE RESISTENCIA E LUTA

*uma análise da greve  
feita por quem dela participou*

TRABALHADOR

CADERNOS DO

①

NOME \_\_\_\_\_

PROFISSÃO \_\_\_\_\_



SÃO BERNARDO, 1.980

# 41 DIAS DE RESISTENCIA E LUTA

*uma análise da greve  
feita por quem dela participou*

TRABALHADOR

CADETNOS DO

①

NOME \_\_\_\_\_

PROFISSÃO \_\_\_\_\_



Texto elaborado a partir de uma série de debates realizados na sede do **ABCD jornal**, durante o mês de julho de 1980, com a participação de cerca de cinquenta trabalhadores metalúrgicos que tiveram atuação destacada durante a greve.

Capa e planejamento gráfico:  
JOCA PEREIRA

Edição da  
ABCD SOCIEDADE CULTURAL e  
do GRUPO DE EDUCAÇÃO POPULAR DA URPLAN  
Instituto de Planejamento Regional e  
Urbano da PUC-SP

## ÍNDICE

Apresentação .....	6
Prefácio .....	7
Os 41 dias - Uma cronologia da greve .....	9
Uma consciência tremenda .....	15
Um Sindicato com cara mais próxima .....	19
Quem pode mais chora menos .....	27
Farinha do mesmo saco .....	33
Um negócio muito prático .....	39
Continuar a luta .....	45

Composição, montagem e fotolito  
Editora Letra Ltda.  
R. Arthur de Azevedo, 1977, loja 1

***“A greve foi uma  
escola que serviu para  
que toda a categoria  
tivesse a seguinte visão:  
se a gente não tomar  
o nosso destino  
em nossas mãos,  
ninguém vai conseguir  
nada pela gente.”***



## APRESENTAÇÃO

Este é o primeiro de uma série de cadernos que serão preparados a partir de debates e discussões com trabalhadores, elaborados de tal forma que os próprios participantes de movimentos e lutas sejam seus verdadeiros autores.

Para a realização deste primeiro número, foram reunidos cerca de 50 trabalhadores diretamente participantes da greve dos metalúrgicos de São Bernardo do Campo de abril/maio de 1980, que debateram livremente as características, dificuldades e condução do movimento, durante quatro fins de semana. A íntegra desses debates será publicada posteriormente. Neste caderno, foi feita uma seleção das questões debatidas de forma a não apenas dar uma visão global do movimento como, principalmente, colocar em primeiro plano o desenvolvimento da consciência conseguido pelos trabalhadores no próprio processo de luta.

A intenção básica da realização desta série de cadernos é a de, numa linguagem simples e direta capaz de atingir um número bastante grande de pessoas, colaborar para a mobilização e reforço da capacidade de ação e organização dos trabalhadores.

## PREFÁCIO

A nossa greve foi um dos momentos mais importantes do movimento dos trabalhadores nas últimas décadas. Durante 41 dias toda nossa categoria demonstrou sua capacidade de luta e resistência contra a intransigência dos patrões, principalmente das multinacionais, e do governo que lançou toda sua repressão contra trabalhadores desarmados, que nada mais queriam do que a conquista de melhores condições de vida.

A riqueza do nosso movimento precisa ainda ser muito discutida para que cada um de nós aprenda com o que aconteceu, e para que voltemos à luta com uma capacidade maior, para obrigar os patrões e o governo a aceitarem nossas reivindicações.

Este caderno é uma das coisas que podemos usar para discutir com os companheiros os erros e acertos de nossa greve, lembrando sempre que a continuidade de nossa luta depende da nossa própria capacidade de nos mantermos unidos e organizados.

**Luis Inácio da Silva  
Lula**



## Os 41 dias - Uma cronologia da greve



JOÃO BITTAR

**30/3/1980**

Os metalúrgicos de São Bernardo, Santo André, Taubaté, Sorocaba e Jundiaí decidem entrar em greve contra a intransigência patronal que recusou o atendimento de suas reivindicações. Na assembléia de São Bernardo, que teve a participação de cerca de 80 mil metalúrgicos, o bispo dom Cláudio Hummes afirmou que todos os salões paroquiais e igrejas estariam abertos aos trabalhadores.



**31/3/1980**

Os empresários recusam a última contraproposta salarial dos trabalhadores, de 7% de aumento pela produtividade, condicionado à estabilidade no emprego por 12 meses. Os operários do ABCD e de outras cidades do interior paulista paralisam as máquinas.

**1/4/1980**

Por 13 votos contra 11, o Tribunal Regional do Trabalho declara-se incompetente para julgar a legalidade ou ilegalidade da greve.

**2/4/1980**

Os metalúrgicos de São Bernardo e Diadema decidem continuar em greve, rejeitando os índices de 7 e 6% de produtividade, sem estabilidade no emprego, fixados pelo TRT.

**5/4/1980**

A greve é suspensa em São José do Rio Preto e Jundiá, onde os trabalhadores aceitam a proposta do TRT.

**6/4/1980**

O movimento grevista é encerrado também em Campinas.

**9/4/1980**

Em assembléia tumultuada, os metalúrgicos de São Caetano decidem encerrar a greve.

**11/4/1980**

Em São Bernardo, a empresa Termomecânica aceita fazer um acordo em separado com o Sindicato dos Metalúrgicos, oferecendo aumento além do INPC de 12% para quem ganha até 5 salários mínimos, 8,5% para os salários entre 5 e 8 mínimos e 6% para os que ganham acima de 8. A Mercedes Benz e outras empresas dispu-

nam-se também a realizar acordos em separado mas foram impedidas pelo "Grupo 14", da Federação das Indústrias do Estado de S. Paulo.

**14/4/1980**

O TRT volta atrás em sua decisão anterior e declara ilegal a greve dos metalúrgicos de Santo André, São Bernardo e Diadema, por 15 votos contra 11.

**17/4/1980**

O ministro do Trabalho, Murilo Macedo, decreta a intervenção nos **Sindicatos de São Bernardo e Santo André**, afastando 42 dirigentes de seus cargos.

**19/4/1980**

Os metalúrgicos de São Bernardo, em assembléia com cerca de 60 mil participantes, realizada no Estádio de Vila Euclides, decidem continuar a greve, passando a reivindicar também o fim da intervenção no Sindicato. Na madrugada do mesmo dia, Luis Inácio da Silva, o Lula, e mais 19 pessoas, entre as quais 15 dirigentes sindicais, são presos sem mandado judicial e encaminhados ao Deops.

**20/4/1980**

O Deops proíbe **qualquer** manifestação de trabalhadores em "assembléias ou comícios" no Estádio de Vila Euclides e no Paço Municipal de São Bernardo e no Estádio de Vila Joaçaba, em Santo André.

As prisões se sucedem, atingindo um total de 29 pessoas, entre sindicalistas e representantes de outros setores e movimentos.

Responsáveis pelo Fundo de Greve denunciam o sequestro, pela polícia, de um caminhão com 6 toneladas de gêneros alimentícios enviados para serem distribuídos às famílias dos grevistas.



**21/4/1980**

Luis Inácio da Silva e mais 12 dirigentes sindicais são enquadrados na Lei de Segurança Nacional. Em ato público na Praça da Sé, 7 mil pessoas manifestam apoio aos grevistas.

**22/4/1980**

Em assembléia que lotou a Igreja Matriz de São Bernardo, a praça em frente e as ruas vizinhas, 40 mil metalúrgicos decidem continuar em greve.

**23/4/1980**

A PM anuncia a ocupação da praça em frente à Igreja Matriz de São Bernardo, procurando limitar a assembléia dos operários ao interior do templo, onde só cabem duas mil pessoas.

Cresce o movimento de apoio aos metalúrgicos em greve, com envio de contribuições ao fundo de greve e manifestações de diversos setores, inclusive a CNBB que, em nota oficial, afirma seu apoio às justas pretensões dos trabalhadores do ABCD.

**24/4/1980**

Nova assembléia na Igreja Matriz de São Bernardo com 40 mil trabalhadores presentes obriga a polícia a voltar atrás e liberar a praça. Os metalúrgicos decidem pela continuação da greve.

Após a assembléia, é preso o vice-presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo e Diadema, Rubens Teodoro Arruda.

**26/4/1980**

Sob ameaças da polícia e num clima bastante tenso, os metalúrgicos de São Bernardo realizam nova assembléia na Igreja Matriz, em duas sessões no interior da Igreja, devido à ocupação militar da praça. Ao final da assembléia, são presos Enilson Simões de

Moura, o Alemão; João Batista dos Santos; Venâncio Luz e Gilson Menezes.

**1º/5/1980**

A realização do Primeiro de Maio em São Bernardo é proibida pela polícia, que mantém sob ocupação militar os principais locais de reunião dos trabalhadores - o Estádio de Vila Euclides, o Paço Municipal e a praça da Igreja Matriz.

Dom Cláudio Hummes e dom Mauro Morelli celebram missa na Igreja Matriz em comemoração ao Primeiro de Maio. Ao final da missa, cerca de cem mil pessoas já envolvem a praça da Matriz para a passeata e o comício de Primeiro de Maio proibidos pela polícia.

A pressão dos trabalhadores obriga as forças policiais a desocuparem a praça, o Estádio e o Paço.

Uma passeata com mais de cem mil trabalhadores, mulheres e crianças percorre dois quilômetros de ruas de São Bernardo, retomando a Praça da Matriz, o Paço Municipal e se encerrando no Estádio de Vila Euclides, onde se realiza o comício.

**5/5/1980**

Os metalúrgicos de São Bernardo e Diadema realizam duas assembléias na Igreja Matriz, sob intensa repressão policial. A polícia entra em ação em vários locais da cidade, perseguindo, dispersando e ferindo trabalhadores, mulheres e crianças, com jatos d'água, bombas de gás e cacetadas. A imprensa fala em cerca de 70 feridos e 40 detidos.

Em Santo André, os metalúrgicos decidem-se pelo fim da greve, depois de 34 dias de paralisação.

**6/5/1980**

A Justiça Militar manda libertar os dirigentes do Sindicato dos Metalúrgicos de Santo André, ainda presos no Deops.



8/5/1980

Uma passeata de mulheres, crianças e bebês de colo, num total de mil pessoas, é realizada em São Bernardo, para pedir a reabertura de negociações.

9/5/1980

Lula e seus nove companheiros que continuam presos no Deops iniciam uma greve de fome como forma de pressão para a retomada das negociações e o fim das violências policiais.

11/5/1980

Em assembléia realizada na Igreja Matriz cercada por forças policiais, os trabalhadores decidem pôr fim à greve e continuar a luta por suas reivindicações dentro das fábricas.

Atendendo moção aprovada pela assembléia, os dirigentes presos suspendem a greve de fome.

Osmar Mendonça, o Osmarzinho, é preso ao final da assembléia e levado para o Deops.

12/5/1980

Os metalúrgicos de São Bernardo e Diadema retornam às fábricas, iniciando uma nova etapa da luta que tem como uma de suas palavras de ordem principais a retomada do Sindicato sob intervenção.

20/5/1980

O Deops liberta Lula e os demais dirigentes metalúrgicos que ainda permaneciam detidos.

25/5/1980

Os metalúrgicos de São Bernardo e Diadema realizam nova assembléia no Estádio de Vila Euclides, com a presença de cerca de 40 mil pessoas, para discutir os 41 dias de greve e a continuidade da luta.

## “Uma consciência tremenda”



HÉLIO CAMPOS MELLO

**“Quando se fala agora do fim da greve, dos frutos que conseguimos com a greve, temos que encarar com honestidade que nós, economicamente, não recebemos nada. Eu acredito que isso está na cabeça de cada trabalhador que encontramos e que diz “me ferrei, fui mandado embora sem direitos, mas estou preparado pra outra”. Existe hoje uma consciência tremenda entre os trabalhadores daqui”.**



Na madrugada do dia primeiro de abril de 1980, quando as primeiras fábricas do ABCD começavam a parar a produção, milhares de trabalhadores sabiam que estavam iniciando uma batalha que poderia ser, já no seu primeiro momento, considerada como uma das mais importantes para a continuidade das lutas do movimento operário brasileiro.

Depois de uma campanha salarial onde se enfrentaram uma categoria de trabalhadores das mais avançadas do país (devido à sua força de luta e à participação na produção) e uma categoria patronal dominada amplamente pelas mais poderosas multinacionais que agem na economia brasileira, foi decretada a greve que iria durar 41 dias.

Em seu primeiro momento, a greve teve uma caracterização exclusivamente econômica, definida pela própria pauta de reivindicações aprovada em grandes assembleias.

**As principais reivindicações dos metalúrgicos eram: 15% de produtividade além do INPC; reajustes trimestrais; garantia no emprego; piso por função e mínimo de Cr\$ 12 mil mensais; reconhecimento do representante sindical nas empresas e livre acesso de diretores; redução da jornada de trabalho para 40 horas semanais; adicional de 100% para horas extras.**

No entanto, essa caracterização econômica logo virou política. "Foi uma briga que fugiu aos padrões normais de uma luta sindical que deveria ser só econômica. Isso porque o Estado se colocou inteiramente a serviço dos patrões, como um instrumento dos patrões, para acabar com a greve. Jogou a polícia, jogou as leis, jogou as prisões. No final, nós estávamos lutando em duas frentes: contra o Estado e sua polícia, de um lado; e contra os

patrões que já estavam muito bem organizados e preparados".

Durante 41 dias, a greve sofreu os mais duros ataques, desde a intervenção nos Sindicatos, a prisão das lideranças e a ação policial diária contra os trabalhadores; até o cerco aos possíveis locais de reunião e a intervenção "branca" nos municípios da região.

"A gente não tinha nada. O que a gente tinha era a nossa disposição de luta e o apoio dos trabalhadores de todo o Brasil, para quem a nossa greve serviu de exemplo. E, apesar de tudo, a gente obteve uma grande vitória, que foi servir de exemplo de luta para as outras categorias de trabalhadores. Se o governo queria acabar com a greve para dar um exemplo, o feitiço virou contra o feiticeiro. A garra e a combatividade dos trabalhadores de levar o movimento até o fim, isso demonstrou que o movimento operário do país saiu fortalecido, saiu ganhando, porque uma vitória não se mede só em termos econômicos".

Essa disposição de luta - preparada durante longos meses pela direção sindical, que sabia que teria que enfrentar uma luta difícil para levar a campanha salarial à frente - foi a base de toda a organização criada e desenvolvida durante os 41 dias de resistência e luta.

## **A categoria orienta a direção**

"Eu acho que nós temos que entender alguns fatores fundamentais que permitiram que surgisse aqui no ABCD um movimento como o nosso. A situação da classe operária, a concentração industrial aqui e o interesse das multinacionais em explorar mais. O problema da contradição operário-patrão lá dentro da fábrica, quer dizer, a



## Um Sindicato com cara mais próxima

falta de liberdade interna, as condições de trabalho, a ditadura dentro da fábrica. Esses são fatores importantes que criaram uma consciência dos trabalhadores a partir da própria exploração dos patrões. E essa consciência aumentou com as lutas que foram orientadas por uma diretoria sindical autêntica, que soube captar nos momentos certos o estado de espírito da classe. Eu diria que ela foi até muito mais guiada pela classe do que guiou a classe”.

A sintonia entre a direção do movimento - a direção sindical, antes e, em seguida, a comissão de salários - e os trabalhadores, que caracterizou nos últimos anos a luta dos metalúrgicos em São Bernardo e Diadema, permitiu não apenas a sobrevivência do movimento, mas seu crescimento tanto em termos de orientação quanto de consciência, e também sua capacidade de levar consigo outras categorias e outras regiões.

“A greve manteve-se durante 41 dias porque a categoria queria. Com sua capacidade, a categoria impôs inclusive o ritmo para a direção do movimento. Quando a gente ficava atrás, meio vacilante, os próprios trabalhadores vinham incentivar: “Vamos prá frente!” Quando a gente ia muito à frente, vamos esculhambar a produção e tal, a categoria: “Espera lá, não é bem assim também.” A categoria orienta a direção. E como a direção é fiel ao que quis a categoria, há uma sintonia muito grande que permite um encaminhamento correto das lutas.”

João Bittar



**“Desde o ano passado que a gente percebeu a necessidade de levar as questões sindicais para mais próximo do trabalhador.”**



A greve não teria sido mantida por 41 dias, com os Sindicatos sob intervenção, caso não houvesse um trabalho de conscientização e organização anterior, surgido da necessidade - notada não apenas pela diretoria do Sindicato como pelos ativistas - de transformar o Sindicato em algo com a "cara mais próxima".

"Logo depois do final da campanha salarial do ano passado (1979), o Sindicato tentou encampar lutas políticas mais avançadas, como a luta pela anistia, o apoio à greve dos bancários, e outras. Mas as coisas começaram a ficar difíceis. A experiência que colocou em xeque o que estava sendo feito foi o ato de repúdio programado para a Praça da Sé, contra a nova política salarial do governo. A gente queria levar cem mil trabalhadores lá. E só tinha 10 mil. Foi aí que a liderança dos Sindicatos teve que se reunir para discutir o trabalho, o encaminhamento das lutas e ver como a gente ia fazer as coisas."

O distanciamento existente entre o Sindicato e a massa de trabalhadores, na verdade provocado pela própria estrutura política e sindical brasileira, já vinha sendo rompido com golpes seguros desde 1978, no ABCD. No entanto, permanecia ainda uma grande reserva do trabalhador com relação ao Sindicato. E isso, em muitos sentidos, dificultava o trabalho.

"Quando a gente percebeu que isso estava acontecendo, viu que a gente tinha que ir ao trabalhador, não ficar chamando ele para vir, só."

### **O boletim informativo e a preparação da campanha**

A orientação de "ir ao trabalhador" não assumiu nenhum caráter paternalista, uma vez que a intenção era a de acompanhar a situação das fábricas, levantar os

problemas específicos existentes e tornar forte e coesa uma organização sindical que já tinha demonstrado sua força nos movimentos grevistas dos anos anteriores.

Um dado importante nessa ação foi a criação do boletim informativo diário, que conseguiu formar um vínculo bastante forte entre o Sindicato e suas bases e que, posteriormente à decretação da intervenção, manteve seu papel.

**O boletim, cujo nome era "Suplemento Informativo da Tribuna Metalúrgica", foi lançado por volta de novembro de 1979 e, em seus primeiros números, era feito com recortes de jornais, selecionados entre as notícias que mais interessavam aos trabalhadores de São Bernardo e Diadema. Posteriormente, com a aceitação que obteve, passou a colocar, além dos recortes, notas da situação nas fábricas e informações sobre a preparação da campanha salarial. Era distribuído diariamente pelos próprios trabalhadores na maioria das fábricas de São Bernardo e Diadema.**

Da mesma forma, foram importantes as reuniões por fábricas, também iniciadas em novembro de 1979, como preparação da campanha salarial, onde se discutiu a questão do salário profissional e a necessidade de organização nas fábricas.

### **O trabalho sindical nos bairros**

Ao lado das reuniões no Sindicato e de porta de fábrica, os ativistas sindicais iniciaram a preparação da campanha salarial também em bairros.



“As pessoas que moravam no bairro e eram do Sindicato chamavam reuniões nos seus bairros, em igrejas ou nas Sociedades Amigos de Bairro. O Lula vem aí, essa coisa, e vinha o Lula, baixava lá e aí começou o trabalho sindical nos bairros. Mas nessa época tinha uma falha que a gente não amarrava as coisas, não deixava continuar. Tinha o debate, mas o pessoal do local não ficava com a responsabilidade de marcar uma próxima reunião. Ficava dependendo da convocação do Sindicato. Foi por isso que quando houve a intervenção e foi necessário ampliar a ação a partir dos bairros, a gente buscou fazer com que as próprias pessoas dos bairros ficassem com responsabilidade, chamassem novas reuniões”.

Essa orientação de organizar os trabalhadores em seus bairros para a possibilidade de uma greve é bastante anterior ao início da campanha salarial de 1980.

“Já no ano passado, na greve de 79, eu me lembro de ter discutido com o Lula a questão dos bairros. Eu coloquei prá ele a necessidade da gente ir aos bairros fazer a campanha salarial. E o Lula disse: “A gente precisa ir para os bairros, mas sem perder o controle sobre esse trabalho”. Eu perguntei: “Mas como a gente vai ter controle se os bairros têm as questões específicas e já têm toda uma programação e até definições próprias?” Eu não consegui entender o que ele queria dizer. Agora já entendo melhor. Neste ano aqui, realmente o Sindicato antes de sair para a campanha salarial foi para os bairros, falar sobre as reivindicações, passar filmes, fazer debates.”

Essa orientação foi dupla: “Quando se tirou a resolução de fazer o trabalho sindical nos bairros, também se tirou a de ir às portas das fábricas”.

Os debates nos bairros, normalmente, travavam-se em torno de uma publicação do Sindicato que trazia - em forma de um “livretinho” - as reivindicações dos trabalhadores, buscando impedir que os metalúrgicos assumis-

sem a luta sem compreender com clareza por que lutavam.

“A gente levava aquele livretinho para as reuniões e colocava para os companheiros, olha a situação é essa, a política salarial que o governo forjou aí não representa nada. Então, se for preciso partir prá greve, a gente parte. E o trabalhador viu que precisava ter uma organização forte para enfrentar tudo isso.”

O trabalho realizado nos bairros veio complementar a ação sindical dentro das fábricas e dentro do próprio Sindicato, realizada não apenas pela diretoria, mas por um bom número de ativistas.

“As empresas que deram maior trabalho prá gente foram aquelas que não tinham trabalho sindical lá dentro. Quer dizer, isso deve servir de experiência para nós e para todos os outros trabalhadores. Onde não se tinha um trabalho de organização anterior, não tinha diretor dentro da empresa ou não tinha um sindicalista trabalhando, essas fábricas efetivamente não pararam.”

## A comissão salarial

Continuando uma prática comum aos Sindicatos combativos, a preparação da campanha salarial foi concluída com a formação de uma comissão eleita pela base, com cerca de 400 membros, que tinha por objetivos auxiliar a diretoria na condução da campanha; criar uma ligação mais profunda entre a direção e as bases e manter o movimento, acontecesse o que acontecesse à diretoria.

**A eleição dos membros da comissão de salários, foi realizada em reuniões por fábricas, convocadas especialmente para discutir o encaminhamento da campanha. Em cada**



**reunião, os próprios trabalhadores indicavam quais dentre seus companheiros deveriam participar da comissão. Conseguiu-se, assim, a indicação de cerca de 400 trabalhadores.**

“A comissão de salários foi muito importante para a organização. Desta vez, ela funcionou desde o início e continua funcionando depois da greve, como uma organização do movimento, já com uma estrutura em que as pessoas que vão lá devem dar seus esforços.”

Dos cerca de 400 eleitos para a comissão, no entanto, muitos não estavam suficientemente preparados para enfrentar a situação que se criaria. “Tinha cara que nem sabia o que estava fazendo ali. Quem se comprometeu mesmo a levar a luta à frente, dentro dessa comissão ampla, foram uns cinquenta, que tinham a consciência mais avançada da coisa.”

Depois de decidida a greve, foram escolhidos 16 trabalhadores entre os membros da comissão de salários para substituir a diretoria caso acontecesse, como aconteceu, de os diretores serem presos ou afastados da condução do movimento. Os outros cinquenta que restaram da comissão ampla se multiplicaram em algumas centenas de ativistas que se distribuíram nos mais diversos trabalhos para a manutenção e fortalecimento do movimento.

“Quem tinha algum trabalho de bairro, quem estava acostumado a organizar as coisas nos bairros, quando veio a intervenção, tinha o que fazer lá, organizar os piquetes volantes, o fundo de greve, discutir com os companheiros e as mulheres dos companheiros. Quem não tinha, ficou mais tendo contato com as gráficas, rodando e distribuindo os boletins, o que também é um trabalho importante. Outros ficaram no Fundo de Greve, controlando e distribuindo as coisas.”

Decretada a greve pela intransigência patronal em aceitar as mínimas reivindicações apresentadas pelos metalúrgicos, o trabalho preparatório da campanha salarial se fez sentir na falta de necessidade de piquetes nas portas das fábricas de São Bernardo e Diadema e na intensidade que a organização assumiu nos bairros.



U. Dettmar



# Quem pode mais chora menos



Araquém Alcântara

**“Depois da intervenção, o trabalho começou a ter muito peso dentro do bairro, na medida em que o trabalhador não pôde se reunir em grandes concentrações. E a gente viu que tinha que fazer despontar no bairro a própria organização. Porque numa briga dessas, quem pode mais chora menos, quem tá mais organizado aguenta mais. Os patrões tavam bem organizados e tinham o Estado a seu favor. O que a gente tinha que fazer era responder com um alto grau de organização. Porque consciência eu acho que não era problema.”**



A ampliação do trabalho sindical para os bairros foi, então, a forma mais adequada que se encontrou para enfrentar uma situação especial: "Ir às portas das fábricas naqueles dias de intervenção seria bobeira. Com o Estádio fechado, o Paço Municipal e a Matriz cheios de soldados e o Sindicato sob intervenção, a gente precisou encontrar essa forma que foi a que permitiu um contato mais permanente entre a direção e os trabalhadores durante os 41 dias da greve".

Assim entendido, o trabalho sindical nos bairros não entra em choque, mas é parte da ação sindical geral, criando, no entanto, uma necessidade maior de uma política sindical bastante clara.

"Não existe esse negócio de uma política sindical só para os bairros, o que existe é que se tira uma determinada resolução numa assembléia, na comissão de salários ou junto com a diretoria, e essa resolução vai ser aplicada em todos os nossos campos de atuação. Nós fomos para os bairros porque o Sindicato está ligado com a fábrica, essa fábrica está ligada à comissão de salários, que mais ou menos está ligada aos bairros, porque esses trabalhadores moram em determinados bairros. Então, esse trabalho já se faz mais ou menos ligado."

## Um termômetro

O trabalho sindical nos bairros - mantido durante todos os 41 dias - serviu também como um termômetro para a greve: "Na medida em que o trabalho nos bairros começou a refluir, ele serviu como uma maneira de avaliar corretamente como estava o andamento do nosso movimento."

"Foi nos bairros que a gente conseguiu medir se a gente tinha que voltar ao trabalho ou não. Nas assembléias na

Matriz não tinha condição de fazer isso. Com a repressão que existia, a gente não tinha como medir como estava o movimento, não tinha muitas condições de fazer um levantamento de todas as fábricas."

**A atuação nos bairros não ficou apenas nos municípios de São Bernardo e Diadema. Como uma grande parte dos metalúrgicos que trabalham nessa região moram fora dela, foi necessário estender o trabalho para os bairros de outros municípios como Santo André, Mauá e, principalmente, São Paulo. Como exemplo, o Fundo de Greve, além do posto central de distribuição de alimentos montado na Igreja Matriz de São Bernardo, tinha mais seis pontos: São Miguel, São Mateus, Vila Elba, Vila Alpina, Sapopemba (todos em São Paulo) e Mauá. Esses bairros eram centralizadores da distribuição tanto de alimentos como de boletins. Os metalúrgicos mantinham nesses bairros e em muitos outros espalhados pela Grande São Paulo, reuniões praticamente diárias com cerca de 400 pessoas em cada um, entre metalúrgicos, suas mulheres e familiares e trabalhadores de outras categorias. No ponto mais alto do movimento, houve bairros onde essas reuniões contavam com mais de duas mil pessoas.**

## Uma direção só

A ação nos bairros, aliada à impossibilidade de reuniões centralizadoras, criou, no entanto, um fator negativo:

"Se não tivéssemos uma ação nos bairros, olha, a vaca tinha ido pro brejo há muito mais tempo. Mas, por outro lado, a direção do movimento não soube realmente como



centralizar esse trabalho em todos os bairros e dar uma direção só, uma palavra de ordem só para os bairros. E controlar a volta ao trabalho.”

“Acho que foi até negativo, no final da greve, quando o pessoal começou a fazer reuniões por empresas, sem a participação da comissão de salários, e nessas reuniões se decidia até a volta ao trabalho, de forma isolada, não centralizada. Porque não tinha uma palavra de ordem única para todos os bairros.”

Essa questão, no entanto, não foi provocada pela existência de trabalho nos bairros, mas sim pela falta - ao final do movimento - de propostas políticas claras por parte da direção.

“Não se pode colocar que a extensão da greve depende só da organização do movimento. Você pode ter uma organização muito boa, mas se você não tem uma resposta pro teu movimento, o movimento vai pro brejo. Você pode estar muito bem organizado, mas você não sustenta uma greve indeterminadamente. Por isso é que no bairro se vê aquela inversão: um cara que era piqueteiro até o 28º dia, no dia seguinte passa a furar a greve. A gente tem que ver que a falta de perspectiva de solução para a coisa e a situação econômica do pessoal é que vão determinar quanto dura a greve.”

**Um dos problemas enfrentados pela direção do movimento quase a seu final foi o “problema dos 30 dias”. Essa questão foi, na verdade, levantada pela classe patronal que - em pronunciamentos pelos órgãos de comunicação e através de anúncios pagos nos principais jornais - ameaçava os metalúrgicos com demissão em massa, e por justa causa, sob a alegação de “abandono no emprego”, passados os 30 dias de greve. Muitos dos metalúrgicos que estavam à frente do movimento consideravam necessária uma explicação à categoria sobre a**

**falsidade das afirmações dos patrões. No entanto, a explicação foi sendo adiada, à espera de uma compreensão melhor do problema, que poderia ser dada por um advogado trabalhista. Chegados os “30 dias”, a direção do movimento não havia dado nenhuma explicação, o que provocou que muitos metalúrgicos retornassem ao trabalho no 29º dia de paralisação, após a decretação da ilegalidade da greve. Um número bastante grande desses metalúrgicos, no entanto, trabalhou um dia, “para quebrar o abandono no emprego” e voltou à greve no dia seguinte.**



Jesus Carlos



## Farinha do mesmo saco



PHARAO

**“O trabalhador não voltou derrotado. Ele voltou consciente do que aconteceu, que teve que lutar não só com a Volks, com o Bardella, mas contra todo o sistema capitalista.”**



A greve provou, de uma vez para sempre, que não é o Sindicato que está contra o trabalhador, mas sim o Estado e os patrões. No nosso caso, a gente vivendo num regime político fechado, que tem uma abertura falsa, que foi provada que não existe, o Estado se colocou ao lado dos patrões, como instrumento dos patrões para acabar com a greve."

A ação do governo fez-se notar já nos primeiros dias da greve, com o aumento do policiamento na região e, em seguida, mantendo os municípios onde a greve continuava sob uma intervenção branca, que tirava todo poder das autoridades locais, transferindo-o para as mãos de comandos policiais e militares.

"O Estado pressionou o Sindicato de todos os lados. E mandou todo tipo de repressão contra os trabalhadores. Jogou a polícia, as leis, prendeu a diretoria do Sindicato, os companheiros. A intenção do governo e dos patrões era matar a greve pelo cansaço, usando para isso toda sua capacidade de repressão."

Essa atuação repressiva ampliou-se, inclusive, para cima de grupos de apoio, com a prisão de diversos companheiros de outras categorias que vendiam bônus para a manutenção do fundo de greve.

"Se não fosse isso, acho que a gente teria conseguido algo com os patrões que sozinhos não conseguiriam deter a força do nosso movimento. Mas o governo não quis abrir mão. Era ponto de honra para o governo não deixar nossa luta ir até o fim. E isso só ajudou os patrões que preferiram ter mais prejuízo a dar uma vitória a uma categoria combativa como a nossa."

As próprias leis impostas nos últimos anos foram desrespeitadas. E o Poder Judiciário foi de tal forma pressionado que mudou sua própria decisão para decretar a greve ilegal.

No dia 1.º de abril, o Tribunal Regional do Trabalho decidiu, por 13 votos contra 11, que não era competente para julgar a legalidade ou ilegalidade da greve. Como o movimento continuou, no dia 14 de abril, um novo julgamento - considerado ilegal por diversos juizes e advogados trabalhistas - reformou essa sentença e o TRT, por 15 votos contra 11, julgou ilegal a greve em São Bernardo, Diadema e Santo André. Essa decisão era a que o governo estava esperando para decretar a intervenção nos dois Sindicatos, que foi feito no dia 17.

Por causa dessa ação do governo, a greve mostrou com toda a clareza quem são os amigos e quem são os inimigos dos trabalhadores.

"Todo mundo compreende hoje o problema de que patrão, polícia e governo é tudo farinha do mesmo saco e que não adianta fazer só greve, porque a greve sozinha pode resolver alguma coisa, mas não vai resolver tudo. Não vai resolver a necessidade de termos um governo justo e não esse que está aí. Porque a gente sabe que o esquema deles contra a gente não acontece só durante a greve, acontece todos os dias. A ditadura dentro das fábricas tem aumentado muito. E a gente sabe que isso aí acontece porque o patrão tem um amigo importante que é o governo. E sabe agora que não vai conseguir derrotar o patrão se não conseguir derrotar esse governo também."

## Uma participação maior

"A gente não colocou em momento algum na nossa greve que ia derrubar o governo e a estrutura sindical. A gente ia lutar por um aumento de salário. Se a gente lutou



contra o governo e a estrutura sindical, foi porque o governo colocou isso em cena.”

A luta pela liberdade e autonomia dos Sindicatos, que antes era compreendida apenas por uns poucos ativistas, passou assim a ser reconhecida como uma necessidade imediata pela maioria dos trabalhadores da região.

“Muitas das falhas que o movimento teve não foram falhas deliberadas, foram falhas que a gente mesmo vai aprendendo a resolver. Mas uma coisa importante que tudo isso colocou para todos os trabalhadores daqui é a necessidade de termos um Sindicato livre e independente, que organize os trabalhadores, lute pela construção de uma verdadeira unidade sindical, pela independência sindical, que acabe com o peleguismo e a conciliação com o governo e os patrões. Essa consciência os trabalhadores conquistaram. E apesar da gente não ter feito greve contra a estrutura sindical, foi com a greve que todos perceberam a necessidade de destruir essa que está aí e conquistar um Sindicato novo, dos trabalhadores mesmo.”

“A consciência e a organização dos trabalhadores não crescem fora da luta. E é por isso que agente nota, de 1978 para cá, uma consciência cada vez maior dos trabalhadores. E uma participação maior também. Antigamente, eu me lembro muito bem, a gente apontava um cara aqui, outro ali, que participava do movimento. Depois da greve da Scânia, em 78, e das outras greves, todos passaram pela escola. A greve foi uma escola que serviu para que todos tivessem a seguinte visão: se a gente não tomar o destino da gente na nossa mão, ninguém vai conseguir nada prá gente.”

“Em São Bernardo, os trabalhadores já têm consciência de que é a nossa força e a nossa participação que resolve nosso problema. Todos sabem que devem lutar por seus direitos sem fazer concessão e a compreensão disso foi uma vitória importante da greve.”

No entanto, o que pode ser caracterizado como avanço do nível de consciência e de organização do movimento ainda não é suficiente.

“A gente tem que prestar atenção numa coisa: nesses 41 dias, apesar da resistência do nosso movimento, nós não conseguimos colocar em xeque toda a política do governo voltada contra nós. Muita coisa foi colocada em xeque nos 41 dias, mas não tudo. Isso porque as multinacionais, a imprensa, o resto dos patrões, o governo, todos se juntaram contra a gente e conseguiram isolar nosso movimento. Eu não tenho a solução, mas acho que a gente deve discutir profundamente o problema do isolamento dos movimentos agora. Quer dizer, eu acho que esse problema tem muito a ver com a própria condução do nosso movimento daqui para a frente, porque agora nós estamos vivendo uma nova realidade, um bocado diferente da que a gente enfrentou até agora.”

Essa nova realidade está caracterizada pela necessidade de manter o movimento unido e lutar pela retomada do Sindicato.

“Se agora nós permitirmos que nosso movimento se divida, nós estamos perdidos. Aí vamos estar derrotados mesmo. Ninguém pode esquecer que nós não rompemos com a estrutura sindical, nós não acabamos com ela. O que aconteceu foi que nós perdemos o Sindicato. E temos que reconquistá-lo. Toda nossa preocupação tem que ser a de nos reorganizar, mantendo uma direção única, para retomar esse Sindicato com todos os defeitos que ele tem. Ele é nosso instrumento e a gente tem que procurar o mais rápido possível voltar para dentro dele. E isso significa que temos que voltar para a porta da fábrica e voltar dando aquele início político para retomar esse Sindicato. Com essa diretoria se for possível. Se não for, com o melhor que tivermos na nossa categoria.”



## Um negócio muito prático



**“A greve mostrou também quais são os limites dos vários setores sociais. Mostrou, por exemplo, que por mais amigos que a gente tenha entre deputados e senadores, eles só vão até um certo limite, porque eles têm um limite. E mostrou que muita gente que fica falando por aí que é nossa amiga, na hora do vamos ver fica tentando impedir o movimento, alegando que tem a abertura, tem que manejar, porque senão, a gente radicalizando, a gente fecha e acabou a abertura. Mas o que eles não falam é que essa abertura, como falou o companheiro, é pau em cima do trabalhador. Abertura só existe pra gente quando a gente luta.”**



Nã verdade, o apoio ao movimento grevista dividiu-se em dois. De um lado, ficaram os setores que não queriam a greve e que buscavam, com sua atuação, levar o movimento mais rapidamente ao final.

"Essa greve mostrou quem são aqueles que se dizem nossos amigos e que na hora acabam sendo nossos inimigos, que são os grandes conciliadores e fazedores de média que antes mesmo da greve já vinham com suas recomendações: "Olha, Lula, é melhor você não ir à greve, é melhor você se manter no Sindicato, porque é mais importante você aqui no Sindicato do que ir à greve". A gente sabe que o companheiro Lula até respondia: "Que adianta a gente preparar a categoria, que adianta a gente estar no Sindicato, se a gente não vai à luta?"

De outro lado, ficaram os que consideravam necessário apoiar a greve, sem interferir em sua direção, na medida em que os próprios dirigentes do Sindicato e a comissão de salários é que saberiam, por sua ligação bastante próxima com os trabalhadores de base, até onde o movimento poderia e deveria ir.

"A solidariedade é hoje um negócio muito prático. Não é um princípio geral. É na prática mesmo que a gente vê quem é solidário. Ninguém, na verdade, vai disputar a solidariedade. Porque a solidariedade que foi dada prá gente botou na prática o seguinte, que o que importa é a gente estar ao lado dos trabalhadores, o que não importa é a gente querer dirigir os trabalhadores, porque eles sabem como se dirigir."

## O Fundo de Greve

O apoio e solidariedade conseguidos pelos metalúrgicos do ABCD se traduziram na constituição e crescimento do Fundo de Greve que foi um poderoso instrumento de organização para o movimento.

"O trabalho do Fundo de Greve foi importantíssimo para a continuidade do movimento, foi o que segurou muito."

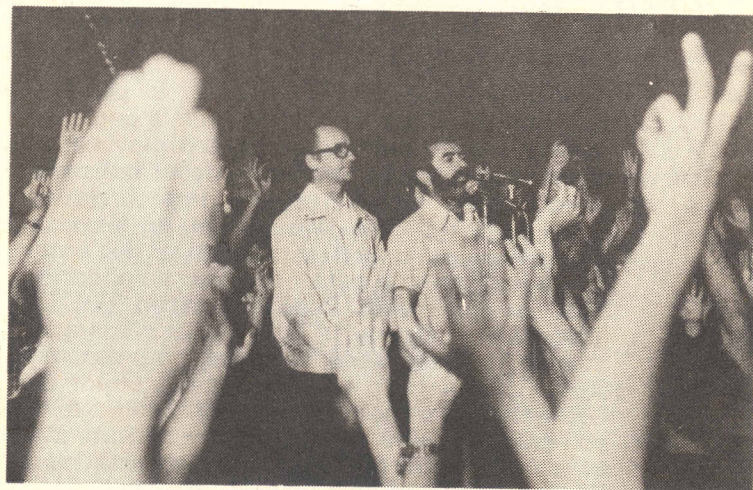
Do Fundo de Greve participaram não apenas os metalúrgicos, mas seus familiares e diversos grupos de apoio. Não apenas na busca de contribuições e na distribuição de alimentos, mas na sua organização e na utilização de toda sua capacidade para aumentar a compreensão dos trabalhadores em relação à necessidade de organizar suas próprias forças para levar avante o movimento.

Depois da greve de 1979, quando os patrões, apoiados pelo Estado, se recusaram a pagar os "dias parados", colocou-se para o movimento dos metalúrgicos de São Bernardo e Diadema a questão de como se preparar para enfrentar novas etapas de luta. A partir daí, foi formada uma associação beneficente e cultural que serviria de instrumento para organizar a solidariedade ao movimento. Essa associação, que foi fundada em julho de 1979, já estava preparada, quando da decretação da greve, para assumir sua função. Ao final do movimento, o Fundo de Greve havia atendido um total de 32.365 famílias, correspondentes a 161.825 pessoas. Foram distribuídas 485.175 toneladas de alimentos, num total de gastos só com mantimentos de Cr\$ ..... 8.965.105,00. Em relação a atendimento médico e distribuição de medicamentos, o Fundo atingiu 3.450 famílias. Todo esse atendimento foi possível graças à solidariedade recebida pelo movimento e à organização conseguida pela associação antes da greve.

"A gente ainda não analisou direito a importância que teve o Fundo de Greve. Mas foi muito importante. Não é que a diretoria do Fundo tenha feito grandes coisas. É



que qualquer companheiro, todos, contribuíram para o Fundo. Isso foi muito importante. Não é menosprezar o trabalho do pessoal que estava na direção do Fundo, mas o importante foi que muita gente entrou no trabalho e deu tudo, deu as suas melhores qualidades, porque ele conseguiu dar o seu esforço a uma coisa organizada e isso tinha uma repercussão muito maior do que se ele doasse individualmente.”



Nascimento

## A Igreja e a solidariedade internacional

Dois pontos a serem destacados são a atuação da Igreja no apoio ao movimento e a solidariedade que a greve conseguiu internacionalmente.

“Depois da intervenção, a coisa ficou difícil. Se não fosse a guarida da Igreja, principalmente por parte de dom Cláudio e dom Paulo, a gente estava estrepado.”

A Igreja, ao abrir suas portas para abrigar os metalúrgicos, seja na organização do Fundo de Greve, seja para suas assembléias e reuniões, mostrou na prática sua mudança de atitude.

“Quando a Igreja apoiou o movimento, ela rompeu definitivamente aquele negócio de que ela estava do lado do patrão. Aquele sentido de conformismo que foi dado pela Igreja durante muitos e muitos anos foi rompido na hora que os próprios bispos apoiaram o nosso movimento e passaram a falar que o negócio é lutar mesmo, que a verdade cristã é a luta e que é preciso romper com esse sistema capitalista.”

“Mesmo no momento anterior, desde 1978, 1979, a participação da Igreja foi nesse sentido de apoio. Agora, eu acho que depois da intervenção esse apoio foi maior ainda. De 1978 para cá, a Igreja nunca se colocou contra, ao contrário. Mas acho que a Igreja cresceu também. Junto com o movimento, a Igreja foi crescendo, foi evoluindo.”

Internacionalmente, a greve conseguiu uma importante solidariedade.

“Várias centrais sindicais manifestaram o desejo de dar apoio prá gente. E isso é importante porque a classe trabalhadora é uma só no mundo todo e se a gente não tiver essa visão, não vai buscar o apoio de todo mundo. E não vai ter todo o mundo unido contra a exploração.”

Entre as diversas entidades internacionais de trabalhadores que enviaram seu apoio à greve e protestaram contra a repressão e a prisão das lideranças estavam a Federação Internacional dos Metalúrgicos; União dos Trabalhadores dos Estados Unidos e Canadá; Federação Geral da Metalurgia Francesa; Federação dos Trabalhadores Metalúrgicos da Itália; diversos Sindicatos e Federações franceses, alemães, ingleses, suecos, americanos e a Conferência Sindical Mundial.



# Continuar a luta



João Bittar

***“Acho que quando se fala de 1978 para cá que a gente não teve vitórias, que só a vitória política não resolve nada, a gente tem que analisar o seguinte, que a média salarial da categoria é maior devido às greves. Sem as greves, a gente não teria conseguido essa média salarial que temos hoje.”***



As vitórias e o avanço conseguidos pelos metalúrgicos de São Bernardo e Diadema, principalmente nos últimos três anos, colocam agora uma série de necessidades entre as quais as mais importantes são a manutenção da força da organização e a luta pela reconquista do Sindicato, que exigem um intenso trabalho de discussão com as bases.

“O importante é a gente não deixar esvaziar todo o trabalho que foi realizado e cada vez mais a gente unir os trabalhadores pela base, com uma direção firme como a gente tem hoje. E isso está colocando a necessidade da gente discutir melhor com toda categoria. Não basta hoje só a gente ir prá porta da fábrica, a gente se reunir, se a gente não discute. É importante a gente dar um passo à frente, pegando tudo isso que a gente conseguiu, organização nos bairros, organização nas fábricas, o sentimento contra o reformismo e contra a conciliação, por uma unidade sindical dos trabalhadores mesmo, por uma central sindical. É importante pegar tudo isso para que a categoria cresça e aprenda que cresceu discutindo”.



Jesus Carlos

Como este é o primeiro caderno de uma série, gostaríamos de ter sua opinião para poder modificar e melhorar os outros que serão feitos.

Se quiser colaborar, responda as questões abaixo e entregue (ou envie pelo correio) para o seguinte endereço: ABCD JORNAL - PRAÇA LAURO GOMES, 58 - SALA 1 - SÃO BERNARDO DO CAMPO - CEP 09700.

1. Você acha que este caderno foi escrito numa linguagem
  - FÁCIL       DIFÍCIL       MUITO DIFÍCIL
2. O que você achou
  - Da capa:       BOA       RAZOÁVEL       RUIM
  - Do tipo de letra:       BOM       MUITO PEQUENO  
     MUITO GRANDE
3. A questão da greve foi
  - BEM TRATADA       RAZOAVELMENTE TRATADA
  - TRATADA MUITO SUPERFICIALMENTE
4. Quais as principais falhas que você encontrou neste caderno?
 

---



---
5. Que modificações você sugere para os próximos?
 

---



---
6. Que assuntos você gostaria de sugerir para os próximos cadernos?
 

---



---
7. Qual sua profissão? \_\_\_\_\_

Obrigado pela colaboração.



